

One True Pairing: a comunicação e a intimidade nas histórias de A Bela e a Fera da comunidade Nyah! Fanfiction¹

Andre Luis dos SANTOS²
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

Resumo

Este artigo apresenta resultados de pesquisa que trata da produção de sentidos de textos disponíveis no site Nyah! Fanfiction. Ao analisar duas das histórias amadoras publicadas pelos jovens frequentadores desse site, observamos como esse grupo constrói em comunidade os conceitos de amor e intimidade de acordo com as teorias propostas por Giddens sobre relacionamentos modernos e os conceitos de comunidade propostos por Jenkins e Charles S. Peirce, enquanto a análise de conteúdo de Bardin é utilizada como suporte metodológico. A pesquisa demonstra que conceitos românticos clássicos e modernos dividem fluidamente o espaço dentro das histórias e das crenças da comunidade, enquanto questões como sexualidade e gênero são abordadas com naturalidade.

Palavras-chave: Intimidade; Amor moderno; Comunidade de Inquirição; Nyah! Fanfiction; Comunidade de Conhecimento.

Texto do Trabalho

1 Introdução

O *Fan Fiction*, produção literária amadora escrita por fãs de um produto de mídia, compõe parte significativa de todo o conteúdo textual na internet. Segundo Boog (2008), ao menos um terço dos textos disponíveis na rede insere-se nessa modalidade de produção literária. Seus benefícios educacionais são comprovados em estudos de Black (2008) e Fidelis e Azzari (2016) e, aos poucos, essa modalidade de escrita ganha espaço nas salas de aula de todo o mundo.

No Brasil, o *Fan Fiction* faz enorme sucesso. Para a produção deste artigo, decidimos investigar a comunidade *Nyah! Fanfiction*, criada em 2005 pelo programador e escritor amador Michael Frank. Em seus arquivos, quase 500 mil histórias estão guardadas – peças produzidas e lidas por seus mais de 700 mil membros registrados, com

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura na Universidade de Sorocaba. E-mail: andre.scutieri@outlook.com. Orientadora: Profa. Dra. Maria Ogécia Drigo. E-mail: maria.ogecia@gmail.com

idade média entre 12 e 18 anos. Números impressionantes, segundo Nogueira (2016), para um país onde quase metade da população lê menos de 5 livros por ano.

A comunidade *Nyah! Fanfiction* tem particularidades interessantes: composta de um site onde ficam depositadas as peças literárias e de uma comunidade oficial na plataforma *Facebook*, o grupo transita fluidamente entre os espaços digitais, trocando ideias dentro do grupo que serão posteriormente publicadas na forma de histórias dentro do site. Neste duplo espaço, jovens constroem histórias, artes gráficas, guias de escrita, clubes de leitura, debates e técnicas literárias de maneira livre, orgânica e sem (quase) nenhuma supervisão.

Ao mesmo tempo que aprendem a escrever, os membros do *Nyah! Fanfiction* também se tornam exímios consumidores de mídia, capazes de enxergar cada peça midiática com um olhar ao mesmo tempo de leitor e escritor, reconstruindo produtos tradicionais como livros, programas de TV, músicas e *games* em sua própria plataforma de expressão, revelando suas angústias sobre a homossexualidade e relacionamento através de *Harry Potter*, explorando seus sonhos entre as naves espaciais em *Star Wars* ou inaugurando seus conceitos de feminismo, sexualidade e gênero nas batalhas da Terra-Média.

2 O Fanfiction, a internet e o Nyah!

Embora o *Fanfiction* tenha se popularizado entre o grande público graças à internet, sua história precede as primeiras conexões digitais. Segundo Prucher (2007), o termo (que pode ser traduzido como “ficção de fãs”) pode ser encontrado já em 1939 em publicações de língua inglesa. Seu primeiro uso foi de maneira pejorativa, para designar peças literárias de qualidade amadora, diferente da “ficção profissional” dos autores consagrados. A expressão encontrou espaço no jargão dos ávidos consumidores de ficção, sendo listada, em 1944, na obra *Fancylopedia* como “ficção sobre fãs, ou às vezes sobre profissionais, e ocasionalmente trazendo personagens famosos de histórias [de Ficção Científica]” (PRUCHER, 2007, p. 57).

Tal definição permite vislumbrar alguns dos aspectos da forma atual de *Fan Fiction*: a presença de personagens famosos retirados de outras histórias de ficção, que se tornaria a característica chave do gênero, e o cunho amador da produção literária.

O modelo atual de *Fan Fiction* como gênero literário surgiu no final da década de 60, nas pequenas revistas americanas redigidas e impressas por fãs, chamadas *fanzines*

(neologismo que une os termos ingleses *fan* e *magazine*, ou revista). *Fanzines* como os da série televisiva *Star Trek (Jornada nas Estrelas)*, como ficou conhecida no Brasil) continham artigos sobre o programa, guias sobre os episódios, artes gráficas produzidas pelos fãs (*fanart*) e histórias amadoras usando os personagens, conceitos e eventos do produto de mídia original. Estas histórias de ficção, conforme Coppa (2006), já continham todos os elementos do *Fan Fiction* contemporâneo.

Ainda que o sistema de fãs construído ao redor dos produtos de mídia (chamado *fandom*) fosse diversificado, as mulheres dominaram a produção literária. Para Bacon-Smith, o que tornou o *Fan Fiction* tão popular para o público feminino foi o fato do gênero “preencher uma necessidade de uma audiência quase totalmente feminina por narrativas ficcionais que possam expandir os limites dos produtos oficiais oferecidos pela televisão e a tela do cinema” (BACON-SMITH, 2000, p. 112-3). Desta maneira, os principais gêneros literários dentro da comunidade *Fan Fiction* eram, e ainda são, o romance, o erótico e o homossexual – exatamente aquilo que o produto original não conseguia (ou não podia) apresentar ao grande público.

O amor e a intimidade ocuparam uma parte significativa dos produtores e leitores de *Fan Fiction*, inclusive ajudando a moldar a organização dos grupos de escrita amadora. Como os autores buscavam explorar aquilo que o produto de mídia original não se permitia apresentar, a produção de histórias românticas com pares (ou trios, ou quartetos...) inexistentes na história original tornaram-se muito populares. Como relata Verba (2003), grupos de fãs como os de *Star Trek* foram os primeiros a se organizarem ao redor de casais específicos, produzindo e consumindo histórias onde esses pares protagonizassem. Os chamados *ships* (truncamento da palavra inglesa *relationships*, ou relacionamentos), ou pares, se tornaram tão importantes para a comunidade que grupos inteiros se formaram ao redor de casais populares.

O meio digital possibilitou que os grupos de *Fan Fiction* se organizassem e se especializassem, criando os repositórios de histórias que podem ser consultados até hoje. Grupos de *Usenet* – precursora da internet moderna – já trocavam histórias na segunda metade da década de 70, como escreve Verba (2003). Nessas comunidades, o romance ainda exercia fascínio sobre os autores e leitores, pois “os relacionamentos e as avaliações funcionam como marcadores genéricos mais importantes do que termos como comédia ou angústia, e são categorias de busca mais comuns nos arquivos de *Fan Fiction*” (DRISCOLL, 2006, p. 84). As avaliações representam o aspecto social do *Fan Fiction*,

onde as histórias são julgadas e comentadas dentro da comunidade, enquanto os relacionamentos apresentam a dedicação da comunidade a pares específicos.

A devoção a um *ship* especial é chamada por Driscoll (2006) de *One True Pairing* (o Relacionamento Verdadeiro), emprestando o termo do próprio jargão da comunidade, e impacta profundamente como os grupos de *Fan Fiction* se organizam:

Quase toda história de fan fiction é publicada com uma etiqueta com seu par [romântico], ou então um pequeno número de pares complementares ou consecutivos. A maior parte das histórias suporta, quando não promove, um ou mais ships. Ships são segmentações poderosas de um fandom ou comunidade de fan fiction, e seguidores devotos de um ship frequentemente serão hostis a qualquer outro usando um de seus personagens. Arquivos são geralmente estruturados para facilitar a busca por pares ou são até mesmo confinados a pares específicos, e a maior parte dos autores e subcomunidades se especializam em um único ou pequeno número de pares (DRISCOLL, 2006, p. 84-85).

No entanto, mesmo dentro destas subcomunidades constituídas ao redor de seu *ship* favorito, ou *One True Pairing*, e mesmo nos repositórios multi-fandom, a abordagem sobre o relacionamento romântico ou mesmo o gênero romance não é parte de um referencial pétreo e estabelecido, mas depende da construção desses conceitos e da exploração pessoal por parte de cada autor, construção essa que é realizada em comunidade.

3 O amor, o conhecimento e a comunidade de inquirição

No *Fan Fiction*, a divulgação das histórias, a recepção de comentários e avaliações dos leitores e a própria produção são organizadas em conjunto. Nas comunidades, a opinião e o conhecimento dos membros impactam fortemente na construção das histórias. Usuários podem corrigir a gramática e ortografia das histórias, além de dar sugestões para melhorar seu enredo e desenvolvimento, como relata Jenkins (2009), ou mesmo emprestar seu conhecimento técnico para produzir ilustrações para as peças literárias, categorizar e indicar histórias ou propor temas e desafios literários para outros escritores. Jenkins (2009) e Lévy (2011) descrevem esses grupos como comunidades de conhecimento, onde a expertise coletiva dos membros é capaz de gerar ideias e produtos que, individualmente, não seriam possíveis. Tais “comunidades são definidas por afiliações voluntárias temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. [...] são mantidas por meio da produção mútua e troca recíproca de conhecimento” (JENKINS, 2009, p. 57).

Embora a comunidade de conhecimento consiga identificar relações e parcerias criadas nos grupos de *Fan Fiction*, como o empréstimo de habilidades técnicas ou o investimento emocional desses participantes, o conceito não consegue penetrar por si só no cerne das atividades da comunidade, pois, mais que produzir peças literárias, a comunidade produz conceitos e ideais. Temas como a homossexualidade não possuem suporte no produto de mídia original, pois estão ausentes nesse. Definir como um romance homossexual deve ocorrer, como retratar o romântico, o íntimo e o erótico nas histórias é uma construção comunitária, que passa por erros e testes. Até mesmo o que pode ser definido como amor é um dos temas recorrentes nos grupos de discussão que circundam os repositórios de histórias, contendo as trocas de mensagens e *brainstormings* de seus membros. Nesse caso, a expertise emprestada tem pouca utilidade: os escritores de *Fan Fiction* não precisam de um especialista em amor que os ensine ou escreva por eles, mas desejam definir e expressar o conceito por si mesmos.

Charles S. Peirce chama esse conceito de comunidades de inquirição, onde as crenças e valores de um grupo são explorados e construídos em conjunto. Para Peirce (CP 5.311), dentro das comunidades de inquirição, o que é compreendido como real e valioso não é estático, mas está sempre em transformação e reafirmação, de forma que o conhecimento da comunidade fica em constante crescimento, nunca chegando a um resultado final. Segundo o autor:

Finalmente, assim como o que qualquer coisa realmente é, é o que pode finalmente ser compreendida como estando no estado ideal de completude da informação, também a realidade depende da decisão final da comunidade; então o pensamento é o que é, apenas em virtude de seu abordar de um pensamento futuro cujo seu valor como pensamento é igual a ele, porém mais desenvolvido. Desta maneira, a existência de pensamento agora depende do que virá; então tem apenas uma existência potencial, dependente do pensamento futuro da comunidade (CP 5.316).

Desta maneira, o conceito de amor, romance e intimidade dentro da comunidade depende da interação de seus membros e do conflito das ideias e experimentações. Para alguns, a história romântica seguirá o romance clássico, como relata Verba (2003), utilizando conceitos consagrados em obras como *Orgulho e Preconceito* ou *Jane Eyre*, onde, para Watt (2001), as convenções sociais de romance, cortejo e casamento prevalecem como necessários para o desenvolvimento romântico, além da ênfase nos pensamentos internos dos personagens e o culto ao sensível.

De forma oposta, o amor moderno, como definido por Giddens (1993) também se faz presente em muitas das histórias produzidas pela comunidade. Dentro delas, as convenções sociais passam a ter pouca importância, o amor se torna a finalidade da relação, que se inicia ou termina unicamente pela vontade dos indivíduos. O íntimo e o sexo também possuem posição de destaque nessas histórias, deixando de ter a reprodução como um fim e se tornando parte do desenvolvimento da relação amorosa.

O uso das diferentes formas românticas, assim como o papel que cada personagem trará dentro da dinâmica de seu *ship*, inclusive a forma como as personagens femininas serão tratadas dependem unicamente das decisões da comunidade, transmitidas através das obras dos autores. No ambiente livre e investigativo dos grupos de *Fan Fiction*, todas as maneiras de amar encontram seu espaço, muitas vezes dentro da mesma história.

4 Metodologia

Para investigar como a comunidade brasileira Nyah! Fanfiction opera suas relações de comunicação e construção dos conceitos de amor e intimidade, decidimos por inicialmente capturar as mensagens trocadas pelos membros no grupo oficial do Facebook, no período de 01/01/2017 a 31/03/2017. Embora o grupo agregue apenas uma parte de todos os usuários do repositório, a plataforma do Facebook é mais propícia para a comunicação entre os membros, divulgação das histórias e exposição de ideias do que o sistema simples de comentários disponível no sistema do site Nyah! Fanfiction. Seguindo o conceito da plataforma social, colhemos as publicações criadas pelos usuários da comunidade, chamadas *posts*, e seus respectivos comentários. Como algumas publicações possuem muitos comentários, decidimos por criar uma unidade informacional, chamada aqui de *tópico*, que corresponde à publicação inicial e seus primeiros 25 comentários.

Para analisar esse material, recorreremos à análise de conteúdo, como proposto por Bardin (2009), seguindo os três passos necessários da metodologia: a pré-análise, a exploração do material, e por fim, a interpretação.

Na primeira fase, definimos o *corpus* e realizamos a leitura flutuante dos tópicos. Na segunda fase, elaboramos um sistema de categorização, para classificação das informações. Nesse momento, definimos duas categorias iniciais para dividir os tópicos: relevantes e não-relevantes.

Consideramos relevantes apenas os tópicos que possuem estreitas relações entre o grupo do Facebook e o repositório do site, possibilitando assim entender como esses processos comunicacionais e de exploração funcionam. Desta maneira, os tópicos relevantes são: os que referenciam alguma história publicada no grupo (indicação, reclamação ou crítica); os que pedem ajuda para escrever uma história; os que pedem a escrita de uma história segundo critérios específicos; os que referenciam alguma forma de troca de expertise, como manipulação de imagens, correção ortográfica, dicas de escrita, etc. Todo o resto dos tópicos (apresentações pessoais, divulgação de blogs, pedidos de ajuda para usar o site, entre outros) foi categorizada como não-relevante, e portanto descartada da análise. Numa segunda fase de classificação, dividimos os tópicos *relevantes* de acordo com seus temas já citados (a saber: referenciam histórias, pedido de ajuda, pedido de história, atividades secundárias).

Por fim, utilizamos as técnicas de análise de conteúdo propostas pela própria Bardin (2009) e o referencial teórico sobre o amor proposto por Watt (2001) e Giddens (1993), além das teorias de Jenkins (2009) e Peirce para interpretar o conteúdo presente nestes tópicos e, quando necessário, nas histórias que eles referenciam.

4 Análise das histórias “A Besta e a Plebeia” e “Lettre d’Amour”

Analisamos comparativamente duas histórias, “A Besta e a Plebeia”³ da autora Antiga Romantica⁴ e “Lettre d’Amour”⁵, publicada por Kori Hime. Ambas as histórias foram sugeridas em tópico publicado em 31 de março de 2017 pelo usuário Yamato.

Yamato pede sugestões de *fanfiction* criadas ao redor do filme musical “A Bela e a Fera”, que estreou nos cinemas brasileiros em 16 de março de 2017. Seguindo nossa metodologia, categorizamos o tópico como *relevante* e, em seguida, o sub-categorizamos como *sugestão de história*, já que se trata de um pedido por histórias prontas endossadas pela comunidade, ao invés da produção de uma nova história. Dentre as sugestões indicadas pelos membros da comunidade, escolhemos as duas primeiras histórias, respectivamente *A Besta e a Plebeia* e *Lettre d’Amour*. Ambas as histórias estão completas, embora a primeira seja significativamente mais longa, contendo 16 capítulos

³ A Besta e a Plebeia pode ser lida no site original <<http://bit.ly/2tKwQcD>> ou em <<http://bit.ly/2uffZ54>>.

⁴ Para preservar a identidade dos membros da comunidade, todos os nomes foram substituídos pelos pseudônimos utilizados no site.

⁵ Lettre d’Amour pode ser lida no site original <<http://bit.ly/2oW2P5I>> ou em <<http://bit.ly/2tFBRVx>>.

de aproximadamente uma página cada, enquanto *Lettre* possui apenas dois capítulos, com média de cinco páginas por capítulo.

Em *A Besta e a Plebeia*, a história é recontada bem próxima do conto original de Gabrielle-Suzanne Barbot, apresentando até mesmo as irmãs de Bela, excluídas na adaptação cinematográfica. A obra foca totalmente na história de amor dos dois personagens principais, e intercala diálogos curtos com descrições dos ambientes ou das feições dos personagens, além de enfatizar os traços físicos do casal, por vezes identificando Bela como “a ruiva”, ou frequentemente citando os olhos azuis da Fera. De maneira oposta, no conto de Kori Hime a personagem Bela é meramente uma coadjuvante do primeiro capítulo, e a Fera está ausente de todo na peça. *Lettre d’Amour* conta a história depois do final do filme da Disney, focando no personagem LeFou, exclusivo da adaptação para o cinema. Na obra literária, LeFou, já perdoado de seus atos de vilania cometidos enquanto era apaixonado pelo antagonista Gaston, se vê amando um novo homem, Louis, criado por Kori Hime para a história. Quando se vê incapaz de expressar seus sentimentos e amedrontado de uma possível rejeição, LeFou recorre à Bela para escrever uma carta de amor que o possibilite conquistar o amado.

Embora tenham narrativas e enredos diferentes, o tema central de ambas as histórias está no amor. Portanto, diversas formas de romance e intimidade estão presentes em ambos os contos, possibilitando agrupar elementos das peças em categorias de amor. Para elaborar essas categorias, utilizamos os conceitos de amor apresentados por Giddens (1993), especificamente o *amor romântico*, o *amour passion* e o *amor moderno* (ou relacionamento puro).

Buscamos nas histórias trechos narrativos e partes de diálogo que tratassem diretamente do tema “amor”, seja citando as palavras amor, romance, relacionamento, intimidade; seja desenvolvendo definições ou comparações para explicar o sentimento; seja descrevendo seus efeitos (coração disparado, dor, alegria, medo de rejeição, borboletas no estômago...); seja definindo modos de relacionamento (casamento, namoro, convivência e intimidade). A partir da categorização, é possível identificar semelhanças e disparidades entre as obras, além de entender a visão de cada autora quanto ao que é romance.

O amor romântico, como escreve Giddens (1993), é fruto das mudanças sociais do final do século XVIII, tais como as relações entre pais e filhos, e a maternidade. A submissão feminina por meio da delimitação do espaço da mulher ao lar e às atividades

domésticas fizeram por surgir o que Watt (2001) chama de *herói romântico*: autêntico e avesso às convenções sociais, ele se coloca como mais que um provedor para sua amada, mas a eleva a uma condição quase de deusa. Ao longo do século XIX, relata Giddens (1993), esse conceito centrado na figura da amada foi difundido entre os burgueses e, posteriormente, entre as camadas mais baixas da população, rompendo com os vínculos prévios de casamento por interesse ou como troca de favores que prevalecia até então. Esse é o amor transmitido na literatura romântica clássica, onde “a heroína amansa, suaviza e modifica a masculinidade intratável de seu objeto amado, possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz de suas vidas juntos” (GIDDENS, 1993, p. 57).

Esse é o amor, claramente, compartilhado entre a Bela e a Fera no conto original, visto que a própria história é sobre uma mulher capaz de, com sua feminilidade e carinho especiais, amansar a vil Fera em um príncipe novamente. Desta maneira, o *amor romântico* é a categoria principal da história *A Besta e a Plebeia*, que se aproxima mais da obra original. Bela define o amor como “um presente”, e liga fortemente o relacionamento ao casamento e ao amor eterno, ou o “felizes para sempre” onipresente nos contos de fadas e também característicos do amor romântico ou amor clássico. O amor de Bela e Fera se desenvolve, na história, através da convivência e da troca de experiências e ideias, enquanto suas marcas se descrevem nos enjoos, medos e palpitações sentidos pelos amados quando em presença um do outro. Antiga Romântica compara o amor sentido por Bela como “uma chama”, acalentando e aquecendo, mas também renovador, assim como o ato final de Bela, depois da luta com os lobos, é beijar e se declarar à Fera, quebrando finalmente a maldição e o transformando novamente em príncipe. Bela rejeita a noção de solidão, declarando que “todo pé descalço tem um par de sapatos”, assim como “até as criaturas mais cruéis elas... são capazes de amar”, reforçando a noção clássica do amor destinado, o relacionamento inquebrável.

Embora a Fera em *A Besta e a Plebeia* não pareça, à primeira vista, ser um *herói romântico* como descrito por Watt (2001), a personagem acaba por apresentar vários traços comuns a esses heróis: embora o relacionamento inicie com Bela prisioneira e com a Fera como seu captor, ele consegue tirar a donzela de seu mundo aparentemente vazio e sofrido, representado nas irmãs avarentas e no pai falido. Bela é caracterizada como desapegada aos bens materiais (pedindo ao pai apenas uma rosa como presente, ao invés de belos vestidos ou caras joias), e a Fera parece entendê-la, presenteando-a com livros e

profundos diálogos, ao invés dos luxos e belezas presentes no palácio. Fera também se revela avesso às normas sociais e aos estigmas sociais, apaixonando-se por uma plebeia (como o próprio título revela), mesmo sendo parte de algum tipo de nobreza. Finalmente, imediatamente à transformação da Fera em homem, ele pede Bela em casamento, a máxima concretização do amor clássico.

O amor romântico também é explorado em *Lettre d'Amour*, embora de maneira menos intensa. Esse é o relacionamento que a Bela e a Fera compartilham, ainda que sua presença seja pequena no decorrer do conto. LeFou cita o casamento dos personagens e o descreve como belo e alegre. Embora seu próprio relacionamento com Louis não seja de amor romântico, LeFou sente seus efeitos transformadores (“o amor, minha cara, o amor aconteceu. Rápido como a lâmina de um sabre, forte como a rocha de uma catapulta. O amor me acertou tal como um coice de cavalo”), que coloca seu coração em descompasso e rouba-lhe a costumeira exuberância e certa vilania, como descreve Bela: “quem diria, o grande LeFou, um homem sem timidez, acanhado por seus sentimentos”. No entanto, esse amor também é transformador, acalmando os embates entre os amados e propiciando um relacionamento duradouro. LeFou, repetidas vezes, no capítulo final, descreve o mundo como sem graça e sem cor enquanto distante do amado (“ele arremessou algumas pedras na água, ouvindo o ranger do antigo moinho girar, numa melodia deprimente que lhe atestava solidão e fracasso”), mundo que recupera sua vitalidade quando sua declaração apaixonada se concretiza, amor descrito por LeFou como “uma celebração”.

Por outro lado, a descrição efusiva e vibrante de como os amados LeFou e Louis se conhecem em *Lettre d'Amour* e as características excitantes do amado (os olhos, a beleza, a dança provocante) apresentam o amor carregado de sensualidade que Giddens (1993) chama de *amour passion*, precursor historicamente do amor romântico, e que posteriormente emprestou-lhe algumas características, como a atração imediata pelo objeto amado, que parte do reconhecimento das qualidades do outro. Este também é o amor violento que LeFou nutria por Gaston, um desejo que lhe roubava a própria integridade, forçando-o a participar das vilanias do atraente antagonista, ainda que carregado de conflitos internos, ou como ele mesmo o descreve, “olho para trás e vejo que dediquei meu amor à pessoa errada por muito tempo”. Por Louis, esse desejo não é menos arrebatador, mas (como veremos posteriormente), o personagem consegue dosá-

lo com cautela e um desejo de auto-realização que estavam ausentes em seu antigo amor pelo vilão.

LeFou compara constantemente o amor que sente como uma atração incontrolável e assustadora como o fogo, que o queima por dentro e rouba-lhe os sentidos (“sentimento assim, sempre é uma surpresa. Quando ele vem, nada o detém, é uma chama acesa”). Atração esta que se encontra ausente em *A Besta e a Plebeia*, que não carrega o desejo sexual latente na relação entre Bela e a Fera. Embora a narração, repetidas vezes, cite os olhos azuis da besta (e do príncipe, ao fim da história – “seus olhos eram azuis, azuis da cor do mar, o mar que banha o oceano”), eles apenas emprestam qualidade humana à cruel Fera, assim como os cabelos ruivos caracterizam a Bela, ao invés de serem objeto de atração como acontece com Louis e LeFou em *Lettre d’Amour*.

Finalmente, a maior parte dos elementos românticos de *Lettre d’Amour* estão categorizados como *amor moderno*. Esse relacionamento puro, como proposto por Giddens (1993) se caracteriza pela autonomia e a auto-realização, tornando esse tipo de amor, segundo Giddens, emancipatório, surgindo da descolagem entre os conceitos de sexualidade e reprodução, como promovido pela crescente libertação feminina. Nessa nova modalidade de amor, a dominação não encontra espaço, mas é no encontro igualitário de ambas as partes que o relacionamento floresce, e é quando uma das partes se vê insatisfeita que ele termina. É nesse amor também que se encontra a libertação da homossexualidade, antes delegada às margens da história e irrelevante na literatura romântica, já que o amor puro é focado no *relacionamento*, ao invés de girar ao redor da *pessoa amada*, caindo, portanto, as barreiras de gênero e sexualidade. Giddens (1993) inclusive afirma que as relações puras foram desenvolvidas inicialmente por casais do mesmo sexo, especialmente as lésbicas, com elevado índice de rompimento de relações, enquanto Jamieson (1999) afirma que esses relacionamentos puros demonstram uma nova expressão do homem moderno, mais afetivo, comunicativo e expressivo emocionante, características visíveis no personagem LeFou de Kori Hime, que, embora tema a rejeição, não tem vergonha de *sentir*, e até cita a vontade de “cantar bem alto para todos ouvirem”.

LeFou também inaugura na história uma realização pessoal que é ausente do *amour passion* ou do *amor romântico*, onde o relacionamento se torna parte da exteriorização de sua própria personalidade. Ao se voltar para a relação em si, ao invés de buscar um objeto de atração como acontecia com Gaston, LeFou começa a “pensar no amor como algo correspondido entre duas pessoas que querem a mesma coisa. Sem

cobranças, sem mentiras, sem falsidade ou manipulação”. Mais revelador ainda, em sua fala anterior, LeFou admite que “é hora de pensar em mim”. Giddens (2002) conceitua essa auto-realização como o processo reflexivo do *self*: mais que apenas o preenchimento de um suposto vazio existencial (ou a concretização de um destino pré-determinado), o personagem usa o amor como uma expressão de si mesmo, de seus valores e crenças.

Característica também importante para o amor moderno e para LeFou e Louis, é a ausência de rótulo no relacionamento, que permanece indefinido até o final da narrativa. Não é importante para a escritora, nem para os amados, definir se eles são agora namorados, noivos, casados ou similar, bastando saber que eles estão juntos e nutrem uma afeição recíproca. Curiosamente, embora *A Besta e Plebeia* vá em direção contrária, anunciando o casamento dos personagens como a máxima concretização de seu amor, os parágrafos finais da história a retiram do clássico amor romântico, trazendo características do amor moderno para dentro do texto. Ao recusar terminar a história com um mero “felizes para sempre”, Antiga Romântica desvia a obra para a modernidade ao escrever “por que não, eles se casaram, tiveram filhos, cometeram erros, mas durante cada dia da sua vida tentaram consertar e adquirir qualidades?”. O amor de Bela e a Fera é eterno (“eu te amo, Fera e nada pode mudar os meus sentimentos!”), cruzando até a própria morte ao final, característica ausente no amor moderno – que busca viver o presente ao invés de buscar a eternidade –, mas a autora admite que o relacionamento não foi perfeito, e que ao final ambos os personagens tiveram de trabalhar para manter seu casamento.

Em sua forma, *Lettre d’Amour* empresta muito da literatura clássica romântica, enaltecendo o sensível e o monólogo sobre os sentimentos que LeFou exterioriza em sua carta ditada. A própria forma epistolar – embora durante a narrativa seja desmontada e inserida na forma de diálogo – é símbolo do romantismo, segundo Watt (2001), como no clássico fundador *Os sofrimentos do jovem Werther*. Não é uma história de ação, mas que se propõe a explorar relacionamentos e sentimentos, como é do feitio romântico. Por outro lado, *A Besta e a Plebeia* utiliza uma narrativa misturando diálogos e descrições mais parecida com o novelismo inglês tradicional como *Ulisses* (Watt, 2001), focando na ação e no desenvolvimento dos personagens. Antiga Romântica quebra esse formato exclusivamente no capítulo 11, ao inserir trechos do diário da Fera na narrativa – e mesmo esses são próximos do estilo do resto da obra, também incluindo descrições e diálogos diretos, apenas mudando de narrador para a primeira pessoa (a própria Fera). Esse jogo

de referências acaba por criar uma interessante mescla entre elementos clássicos e modernos em ambas as histórias, desde sua temática até mesmo à sua forma.

5 Considerações Finais

As duas histórias conseguem definir com maestria os principais conceitos do *Fan Fiction* e também do que a comunidade chama de *One True Pairing*. Elas, inicialmente, parecem opostas: de um lado, uma versão recontada do conto original, muito fiel à obra e com o peso romântico dos contos de fadas embutido em toda sua estrutura; do outro, uma peça original com personagens desenvolvidos pela própria autora, expandindo a narrativa para além dos créditos finais do filme de 2017. Nesse momento, já é possível identificar uma característica interessante do fenômeno do *One True Pairing*: Antiga Romantica concorda que o verdadeiro casal de A Bela e a Fera são os personagens que dão nome à obra, enquanto Kori Hime pouco se interessa pelos protagonistas originais, trazendo para o centro de sua história o coadjuvante LeFou, e desenvolve para ele um pretendente novo, exclusivo da peça, demonstrando que, certas vezes, para a comunidade de *Fan Fiction*, o *One True Pairing* nem precisa ser “canônico”, ou fiel à obra original.

A oposição das obras também se mostra na temática: Antiga Romantica está interessada nos elementos fantásticos das obra original, como o palácio, a transformação de homem em criatura animalesca, a maldição e a promessa de um beijo encantado; Kori-Hime descreve um LeFou com preocupações muito mais mundanas, porém não menos pertinentes e interessantes: seu medo da rejeição pelo amado, o reconhecimento de seu “relacionamento” prévio com Gaston como abusivo, suas dificuldades financeiras e seu arrependimento por seus feitos quando vilão. Curiosamente, Antiga Romantica também incorpora alguns elementos mundanos em sua obra, no diário escrito pela Fera quando ainda humano e jovem, que descreve um amor não-correspondido, seu ato de vingança contra a mulher que o rejeitou, e sua vergonha e arrependimento posteriores. Nas mãos das autoras amadoras, tanto a Fera como LeFou ganham humanidade, complexidade e realismo, expressando angústia e anseios humanos que podem ser facilmente encontrados nas vidas pessoais dos próprios membros da comunidade.

No entanto, a análise das histórias demonstra que elas possuem muitos pontos em comum, e que mesclam conceitos de amor clássicos e modernos em seus textos, não se restringindo a um único formato. Antiga Romantica está mais próxima, como diz seu próprio pseudônimo, do amor romântico tradicional, mas se recusa a terminar a história

de maneira bucólica e costumeira com um simples “e foram felizes para sempre”, deixando vaziar na obra preocupações e situações do amor moderno, como a presença de conflitos e a necessidade de trabalhar em conjunto para construir uma relação, mas ainda assim se recusa a apresentar o *amour passion* sensual em sua história, mantendo-a mais infantil. Kori-Hime, embora desenvolva uma história calcada no amor moderno – até por utilizar um romance homossexual como foco da obra –, busca no romance clássico alguns elementos para compor a paixão de LeFou por Louis, e até mesmo a própria forma narrativa dos sensíveis contos românticos. É também interessante verificar que Kori-Hime jamais coloca em cena o preconceito contra a homossexualidade, tratando o relacionamento com naturalidade, tanto como narradora como por meio de seus personagens (como a própria Bela, que aconselha LeFou). O personagem principal confessa ter dançando com o rapaz e estar apaixonado por ele sem temer julgamentos, apenas com medo de uma rejeição, o que expressa que, para a autora, não há real diferença entre o relacionamento heterossexual da Bela e seu Príncipe e o de LeFou e Louis.

A presença de tantos elementos teoricamente contraditórios nas duas peças revela que a comunidade Nyah! Fanfiction não se restringe a um único gênero ou modo de pensar enquanto trabalha a temática do amor e da intimidade, mas que busca referências e conceitos em diversos estilos e pensamentos, buscando expressar aquilo que cada autor acredita ser o amor verdadeiro desfrutado por seu *One True Pairing*. Além disso, a relação com a obra original depende totalmente dos desejos e fantasias do autor, que pode se aproximar da peça até quase estar recontando a história (como faz Antiga Romantica), como descartar quase toda a obra original e até mesmo gerar seus próprios personagens (como escolheu Kori-Hime).

A aceitação de ambas as histórias como exemplos de boas peças baseadas em *A Bela e a Fera* é por si só interessante: ao invés de apresentar visões opostas de possíveis “facções” dentro da comunidade, ambas são avaliadas pelos membros como excelentes, mostrando que os participantes do grupo transitam entre temáticas, gêneros e formatos com naturalidade. Como uma comunidade de inquirição, o grupo do *Nyah! Fanfiction* revalida seus valores e verdades a cada interação, demonstrando que tanto o amor clássico (com ressalvas) e fantástico da Bela e a Fera, como o amor puro e mundano de LeFou e Louis possuem lugar na teia de crenças e ideias da comunidade.

Referências Bibliográficas

AZZARI, Eliane Fernandes; FIDELIS, Ana C.S. Literatura, ciberliteratura e a formação de alunos-leitores: diálogos com o cânone e a ficção de fãs. In: **Fidelis**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 53, p. 547-565, 2016.

BACON-SMITH, Camille. **Science Fiction Culture**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BLACK, Rebecca W. **Adolescents and Online Fan Fiction**. 1 ed. Nova York: Peter Lang, 2008.

BOOG, Jason. Brokeback 33 Percent. **Mediabistro**, 2008. Disponível em: <<http://www.adweek.com/galleycat/brokeback-33-percent>>, acesso em 11/08/2016.

COPPA, Francesca. A Brief History of Media Fandom. In HELLEKSON, K.; BUSSE, K. **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**. Jefferson: McFarland & Company, 2006.

DISCROLL, Catherine. One True Pairing: The Romance of Pornography and the Pornography of Romance. In: **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet**. 1 ed. Jefferson: McFarland, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

JAMIELSON, Lynn. Intimacy transformed? A critical look at the ‘pure relationship’. In: **Sociology**, vol. 33, n. 3, Agosto de 1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

NOGUEIRA, Mariana. Número de leitores no Brasil sobe 6 pontos percentuais entre 2011 e 2015, diz pesquisa. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/numero-de-leitores-no-brasil-sobe-6-entre-2011-e-2015-diz-pesquisa.ghtml>>, acesso em 02/03/2017.

PEIRCE, Charles S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vol. I-VI. C. Hartshorne et Paul Weiss (eds), Vol. VII-VIII Arthur Burks (eds.) Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931-1958.

PRUCHER, Jeff. **Brave New Worlds: The Oxford Dictionary of Science Fiction**. Nova York: Oxford University Press, 2007.

VERBA, Joan M. **Boldly Writing: A Trekker Fan and Zine History 1967-1987**. 2 ed. Minnetonka: FTL Publications, 2003.

WATT, Ian. **The rise of the novel**. 2 ed. Berkeley: University of California, 2001.